

Roça, un conte paysan au Brésil - poèmes originaux



6
p



AD JUVENIS DIEM (trecho)

Cor de leite é a manhã. E vem envolta de ouro
Em mãos de aroma, unhas de seda!
E um ritmo feliz, doce, fresco, qual coro
Que, em voz feliz, segreda Amor às árvores,
segreda.

E oh! volúpia, aroma, como de âmbar! O dia
Que doida, esperta, corta, mas em fogo, a alegria
Das asas
Sobre os montes, sobre os vales, sobre as casas!
É o dia?

Pedro Kilkerry,

12
p



ALMA EM FLOR (trecho)

Foi... Não me lembra bem que idade eu tinha,
Se quinze anos ou mais;
Creio que só quinze anos... Foi aí fora
Numa fazenda antiga,
Com o seu engenho e as alas
De rústicas senzalas,

Seu extenso terreiro,
Seu campo verde e verdes canaviais.
Era... Também o mês esquece agora
A infiel memória minha!
Maio... Junho... não sei se julho diga,
Julho ou Agosto.

Alberto de Oliveira, 1906



‘
p 22

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA (trecho)



Com olhar perdido, Ricardo lembrava-se de sua infância, daquela sua aldeia sertaneja, da casinha dos seus pais, com seu curral e o mugido dos vitelos... E o queijo? Aquele queijo tão substancial, tão forte, feio como aquela terra, mas feraz como ela, tanto que bastava comer dele uma pequena fatia para se sentir almoçado... E as festas? Saudades...

Lima Barreto, 1915

‘
p 26

QUADRAS (trecho)



Amo, sem mais fim qu'amar,
É nobre minha paixão.
Sigo a lei da natureza,
Ouço a voz do coração.

Domingos Delfina Benigna, 1838



‘
p 28



(trecho)

Onde estou? Este sítio desconheço.
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado,
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Cláudio Manuel da Costa, 1768

‘
p 31



ITAÉ (Idílio) (trecho)

Oh chaneza! Campestre amenidade!...
Feliz vida, e costumes!... Oh verduras!
Oh ar! Oh luz! Oh flores! Doces bosques sivas!
Do amável melancólico retiro!
A quem, vendo-a, não tenta esta ventura?
Qual desta fonte gracioso mana

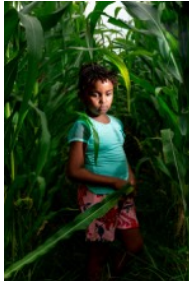
O perene cristal; e as ricas flores;
Com que espontâneo se adereça o vale,
Atrativas, benéficas sorriem;
Assim largueia o Camponês honesto
Seus dons humildes.

Antônio Joaquim de Mello, 1847

Roça, un conte paysan au Brésil - poèmes originaux



‘
p 32



MEUS OITO ANOS (trecho)

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor; que sonhos, que flores,

Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu, 1858

‘
p 34



RECUO NOSTÁLGICO (trecho)

Em torno é esse mundo. E sobre ele,
enchendo o céu alto com suas formas sonoras,
todos os ecos que afirmam a vida de força
e de anseio :
a cadência das falas, musicando a língua
com entonações novas, mais lentas,
mais claras; o estridor dos ferros belicosos, em
façanhas heroicas de recontros
e entreveres que puxaram a ponta da pátria até a
ponta do pampa

o tropel das patas das cavalhadas soltas;
o entrechoque dos cornos, os mugidos roucos, a
algazarra da faina
rude, nos rodeios;
o silvar das boleadeiras, nos tiros certos;
o zunido dos laços, nos pealos de colhera;
o tinir das chilenas arrastadas;
o tilintar das pratarias dos aperos;

Felipe d'Oliveira, 1911



‘
p 40



AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO (trecho)

Que este manjar tudo gasta,
Porque é fogo gastador;
Que com seu divino ardor
Tudo abrasa.

É pão dos filhos de casa
Com que sempre se sustentam
E virtudes acrescentam
De contino.

Todo al é desatino
Se não comer tal vianda,
O Com que a alma sempre anda
Satisfeita.

Este manjar aproveita on il
Para vícios arrancar essas
E virtudes arraigar
Nas entranhas.

José de Anchieta, séc XVI

‘
p 44



NOTURNO DE BELO HORIZONTE (trecho)

Eu queria contar as histórias de Minas pros brasileiros do Brasil...

Mário de Andrade, 1924

Roça, un conte paysan au Brésil - poèmes originaux



‘
p 48



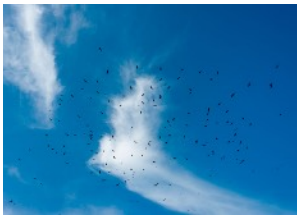
AD JUVENIS DIEM (trecho)

Há curvas quentes, linhas leves de almas
Espirituais joias incalmas...
Insetos vão ou vêm, na altura,
Para a sede matar, na amorosa doçura
De um vinho azul, tão bom das almas!

E a ânsia de quanto se ergue um voo luzindo,
Subindo, subindo!
Mas bom é o Sol! Fas um banquete
No prado, na rechã, no bosque, nas montanhas,
E nos fica a vontade a um alfinete
De ouro voluptuosamente e inda outro alfinete....

Pedro Kilkerry

‘
p 55



ÚLTIMOS SONETOS

Livre! Ser livre da matéria escrava,
arrancar os grilhões que nos flagelam
e livre penetrar nos Dons que selam
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.
Livre da humana, da terrestre bava
dos corações daninhos que regelam,
quando os nossos sentidos se rebelam
contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,
mais junto à Natureza e mais seguro
do seu Amor, de todas as justiças.
Livre! para sentir a Natureza,
para gozar, na universal Grandeza,
Fecundas e arcangélicas preguiças.

João da Cruz e Sousa, 1905

Roça, un conte paysan au Brésil - poèmes originaux



‘
P 56



PÁTRIA

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos
ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

Olavo Bilac, 1904

‘
P 65



SIMPLICIDADE (trecho)

E olho cair a chuva, como o pranto
que meus olhos inunda.

A alma, deserta.

A estrada, erma e tristonha.

E recordo o passado,

No vago misticismo de quem sonha
um sonho abandonado.

Invade-me a tristeza, indefinida,
que paira no ar; lá fora,
Penso numa mulher, quase esquecida,
que muito amei outrora.

Martins Fontes

Roça, un conte paysan au Brésil - poèmes originaux



66
P



ODE (trecho)

Move incessante as asas incansáveis
O tempo fugitivo
Atrás não volta, e aquele que aos amáveis
Prazeres se não dá, sem lenitivos
Depois amargamente

Chora o bem que perdeu e o mal que sente.
Voa de for em for na Primavera
A abelha cuidadosa;
Fabrica o doce mel, a branda cera.

Alexandre de Gusmão, séc XVIII

71
P



MARÍLIA DE DIRCEU (trecho)

Não verás enrolar negros pacotes
das secas folhas do cheiroso fumo:
nem espremer entre as dentadas rodas
da doce cana o sumo.

Tomás Antônio Gonzaga, 1792

Roça, un conte paysan au Brésil - poèmes originaux



‘
P 72



UN VIEUX PAYS (écrit en français par l'auteur -
escrito em francês pelo autor)

Il est un vieux pays, plein d'ombre et de lumière,
Où l'on rêve le jour, où l'on pleure le soir ;
Un pays de blasphème, autant que de prière,
Né pour le doute et pour l'espoir.

On n'y voit point de fleurs sans un ver qui les
ronge,
Point de mer sans tempête, ou de soleil sans nuit ;
Le bonheur y paraît quelquefois dans un songe

Entre les bras du sombre ennui.

L'amour y va souvent, mais c'est tout un délire,
Un désespoir sans fin, une énigme sans mot ;
Parfois il rit gaîment, mais de cet affreux rire
Qui n'est peut-être qu'un sanglot.

On va dans ce pays de misère et d'ivresse,
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur ;
Je l'habite pourtant, j'y passe ma jeunesse...
Hélas ! ce pays, c'est mon cœur.

Joaquim Maria Machado de Assis, 1870

‘
P 76



O FORAGIDO (trecho)

Vem, meu pobre e fiel companheiro,
Vamos, vamos depressa, meu cão,
Quero ao longo perder-me das selvas
Onde passa rugindo o tufão!

Fagundes Varela, 1861



‘
P 83



ITAÉ (Idílio) (trecho)

Não verás deste campo os Lavradores
Mulheres em querelas, nem alhures
Errarem, nem de braços a dormirem;
Mas sofridos refinam as estacas,
Com cipós cruzam varas, e reformam
As velhas, podres cercas vacilantes:
A dura enxada amiga nas calosas
Tostadas mãos do Sol, tostada a cara,
E nus os pés, talvez no lodo frio,

Suam, tressuam surribando a terra:
Mondam-se as socas, varrem-se os aceiros,
E dispõe-se a maniva nos matombos :
Até que o Céu enfim nos galardoa
Com lucrosa colheita a diligência.
On va dans ce pays de misère et d'ivresse,
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur ;
Je l'habite pourtant, j'y passe ma jeunesse...
Hélas ! ce pays, c'est mon cœur.

Antônio Joaquim de Mello, 1847

‘
P 84



CANÇÃO DO EXÍLIO (trecho)

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Casimiro de Abreu, 1857



‘
p 90



A MINHA TERRA (trecho)

Amo o vento da noite sussurrante
A tremer nos pinheiros
E a cantiga do pobre caminhante
No rancho dos tropeiros;

E os monótonos sons de uma viola
No tardio verão,
E a estrada que além se desenrola
No véu da escuridão;

A restinga d'areia onde rebenta
O oceano a bramir,

Onde a lua na praia macilenta
Vem pálida luzir;

E a névoa e flores e o doce ar cheiroso
Do amanhecer na serra,
E o céu azul e o manto nebuloso
Do céu de minha terra;

E o longo vale de florinhas cheio
E a névoa que desceu,
Como véu de donzela em branco seio,
E os monótonos sons de uma viola
As estrelas do céu.

Álvares de Azevedo, 1847

‘
p 92



CANTO DE VICENÇA (trecho)

Você tem muito amor
já pode salvar
sua gente.
Mas ainda não tem
Um bicho

Indiens Kadiwéu

Roça, un conte paysan au Brésil - poèmes originaux



‘
p 96



TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA (trecho)

E ele foi contente. Como era tão simples viver na nossa terra! Quatro contos de réis por ano, tirados da terra, facilmente, docemente, alegremente! Oh! terra abençoada! Como é que toda a gente queria ser empregado público, apodrecer numa banca, sofrer na sua independência e no seu orgulho? Como é que se preferia viver em casas apertadas, sem ar, sem luz, respirar um ambiente epidêmico, sustentar-se de Maus alimentos, quando se podia tão facilmente obter uma vida feliz, farta, livre, alegre e saudável?

Lima Barreto, 1915

‘
p 98



NOTURNO DE BELO HORIZONTE (trecho)

Cheiro fecundo de vacas,
Pedreiras feridas,
Eletricidade submissa..
Minas Gerais sáxia e atualista
Não resumida às estações-termais!
Gentes do triângulo Mineiro, Juiz de Fora!
Força das xiriricas das florestas e cerrados!
Minas Gerais, fruta paulista...

Mário de Andrade, 1924



‘
P102



A VOZ DOS AROMAS (trecho)

Era o perfume que há na manga-rosa,
no caju, no cajá, na tangerina.
A olência dos frutais dentro dos bosques,
ou nas serras e vales pomareiros;
o rescender do abacaxi do brejo,
do araticum e do melão maduro.

Eram todas as liras da floresta,
sinfonizando os cantos capitosos,
vindos desde a surdina da mangaba
ao bacuri que, estrídulo, restruge

Martins Fontes

‘
P105



AO CORRER DA PENA (trecho)

Há, porém, homens para quem a noite é mais bela do que o dia, para quem a estrela perdida no Azul do céu é mais encantadora do que o astro-rei com todo seu fulgor. Estes saúdam o sol quando nasce, mas à noite contemplan a estrela fugitiva e a acompanham no seu caminho solitário.

José de Alencar, 1855



‘
P106



AO MEU BOM ANJO (trecho)

Dizem que a vida não é mais que um sonho,
'Meu Deus, quero sonhar!
Empresta-me, anjo bom, as tuas asas, Guarda no seio a minha fronte em brasas,
Ensina-me a rezar!

Auta de Souza, 1894

‘
P108



ANOITECER

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de oiro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...
Delineiam-se, além, da serrania
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados

Uns tons suaves de melancolia..
Um mundo de vapores no ar flutua.
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...
A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

Raimundo Correia, 1883



‘
P110



A TERNURA BRASILEIRA (trecho)

(...)

Uma alma singela e rude
Sempre foi mais verdadeira,
A minha por isso é própria
De ternura Brasileira.

Domingos Caldas Barbosa

‘
P112



ANOITE (trecho)

Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d’incenso!

Eu amo a noite taciturna e queda!
Amo a doce mudez que ela derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas
Do bosque murmurando :
Então, malgrado o véu que envolve a terra,
A vista, do que vela enxerga mundos,
E apesar do silêncio, o ouvido escuta
Notas de etéreas harpas.

Gonçalves Dias, 1848



‘
P114



CANTIGA (trecho)

Acutipuru, me empresta teu sono
para minha criança também dormir

Anônimo

‘
P120



CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.



‘
P124



OITAVAS GLOSADAS AO SONETO (trecho)

Tudo assegura, tudo facilita,
Impossível por própria natureza,
Com vozes mudas a razão nos grita,
Não queremos ouvir, depois nos pesa.
Esperança adoramos infinita,

Não mais que por seguir a falsa empresa
Que um tesouro de bens nos oferece,
Mas sempre no melhor desaparece.

Bernardo Vieira Ravasco

‘
P126



Anda; acorda, Pastor; que sai a Aurora;
Como vem tão risonha, e tão vermelha!

Cláudio Manuel da Costa